



## A DIMENSÃO DA HISTÓRIA EM *MEMÓRIAS DE UMA MULHER IMPOSSÍVEL*



Mayara Pereira Murilho Batista (UFMT/PIBIC/FAPEMAT/mayaramurilho@hotmail.com)

**RESUMO:** A obra *Memórias de uma mulher impossível* (1999), de Rose Marie Muraro, não se difere do gênero memórias, ainda que alargue, em suas considerações, o diálogo com a História. Considerando a História dentro da obra menos como pano de fundo para as cenas autobiográficas que um motor que impulsiona a narrativa, percebe-se, de antemão, o sentido prioritário que a História assume dentro das memórias murarianas. Lidar, no entanto, com esta percepção inicial requer cuidado. Como distinguir, no corpo do texto, as nuances coletivas próprias da feição histórica das marcas autobiográficas que compõem a obra? Utilizando como suporte os conceitos de PINTO (1998) e LE GOFF (2003), o presente trabalho tem por objetivo organizar um roteiro das cenas históricas apresentadas dentro dos trinta e três capítulos que compõem estas memórias. Ao final, após constarmos a dimensão da presença histórica na obra de Muraro e no empoderamento de si própria e de seu narrar-se, aceitamos que a autora apresenta tanto a si quanto a seu tempo, equilibrando, na urdidura do enredo, os temas tratados nestas memórias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memórias; História; Rose Marie Muraro.

### 1. A pesquisa

O presente trabalho pertence a uma pesquisa maior, intitulada “Memórias Partilhadas à Margem do Cânone: outras histórias, mesmas palavras?”, que tem por objetivo analisar obras memorialistas de escritores brasileiros, à margem do cânone, que publicaram suas memórias entre meados do século XX e este começo do século XXI.

### 2. O objeto de estudo

“Sempre apostei no impossível, nas causas perdidas, e não é agora que vou ser sensata. Afinal, de uma maneira ou de outra, a minha vida é uma prova de que o impossível pode ser a única coisa razoável.”

(MURARO, 1999, p.372)

Neste contexto, uma das obras é *Memórias de uma mulher impossível* (1999), de Rose Marie Muraro (1930-2014), que foi publicada inicialmente pela Editora Rosa dos Tempos e trata-se de um longo texto de memórias, de quatrocentos e quatro páginas, distribuído em cinco partes e trinta e três capítulos.

Nesta obra, a autora (intelectual, filósofa, feminista) articula fatos marcantes da história do Brasil e do mundo com acontecimentos pessoais. Muraro narra os desafios que enfrentou após o seu nascimento. Diagnosticada com princípio de cegueira, ainda muito pequena, a autora teve de buscar alternativas para que pudesse fazer o que tinha de ser feito: “Troquei a felicidade pelo impossível” (MURARO, 1999, p.33).

Rose Marie Muraro dedicou-se a causas políticas, culturais e ideológicas em favor das classes oprimidas e recupera, nessa obra, todo o entorno histórico trilhado. Evocando memórias de cunho pessoal, mas ampliando, em suas recordações, o diálogo com a História, Muraro reconstrói o passado pelo seu narrar-se; vendo o passado histórico como o seu passado, na dicotomia com o tempo. Como exemplo, narra que o dia do seu nascimento foi, justamente, o dia em que Getúlio Vargas invade o Rio, com suas tropas vindas do Sul: “em 11 de novembro de 1930 nasce, então, uma testemunha histórica”.

A obra foi pensada quando Rose Marie Muraro participava de uma pesquisa como bolsista da Fundação Fullbright, na Filadélfia, Estados Unidos, no ano de 1997. Segundo o co-autor da obra, o Dr. Philip Evanson, a iniciativa de escrever uma autobiografia começou enraizada a uma pesquisa de história oral. A autora, então, aceitou responder a Philip assuntos que fossem marcantes em sua trajetória de militância e fatos de sua vida pessoal.

### **3. Entre o falar de si e o fazer história: o empoderamento**

*Memórias de uma mulher impossível* é, ao mesmo tempo, uma obra autobiográfica e uma contribuição para a história do Brasil contemporâneo, além de uma reflexão sobre o contexto mundial que se modificava muito rapidamente. São memórias construídas entre a focalização do eu e do mundo; entre o poder e a libertação.

Para Le Goff, a memória assume seu papel de libertadora porque é instrumento e objeto de poder (LE GOFF, 2003, p.470). Além disso, o historiador afirma que é a História que a alimenta.

Pinto (1998), assim como Le Goff, transita pelo viés do poder da recordação. Para o historiador francês, a memória, buscando referências coletivas escritas ou evocadas, se concilia à história para alcançar-se a tradição e a libertação. Para o pesquisador brasileiro, a memória e sua força criadora desfaz a história porque nega sua alteridade. Vistas por óticas diferentes, história e memória se tornam ainda complementares, quando a serviço da narrativa e do empoderamento.

O empoderamento que ocorre em *Memórias de uma mulher impossível* está vinculado à própria narrativa, na medida em que Muraro ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e supera, por suas ações em diferentes movimentos sociais (ação católica, teologia da libertação, movimento feminista), seu tempo e a realidade na qual se insere.

Na medida em que a autora dicotomiza o texto entre o falar de si e o falar sobre o mundo, torna-se lícito indagar, serão mais históricas ou mais pessoais as lembranças relatadas nessas memórias em que podem ser detectadas formas de empoderamento?

Em alguns momentos, a narradora parece privilegiar o discurso histórico. Na primeira parte, por exemplo, comenta fatos históricos relativos à Primeira Guerra Mundial; sobre o declínio do Império Britânico; a quebra da bolsa de Nova York, depois de muitos anos de crescimento da economia americana. Também comenta o aparecimento de Adolf Hitler. No Brasil, Getúlio Vargas invade o Rio de Janeiro com as tropas vindas do Sul. Rememora, quando tinha oito anos, o início da Segunda Guerra Mundial, com a Polônia invadida pelos alemães em 02 de setembro de 1939:

Quando estourou a Segunda Guerra e a Polônia foi invadida pelos alemães, li no jornal a notícia. [...] Muitos industriais paulistas eram pró-nazistas. Meu pai e meu tio ficavam felicíssimos quando a rádio de Berlim batia o gongo mostrando que mais um submarino inglês havia sido afundado. (MURARO, 1999, p.49)

Em outros momentos, também significativos, rememora as dificuldades que enfrentou por ter uma saúde frágil. Relembra toda a origem paterna e materna de seus familiares. Muraro narra a chegada de seus avós ao Brasil, o começo do império familiar, o casamento de

seus pais. Rememora o prazer que sentia pela leitura, o grande afeto que sentia pelo seu pai. Narra, também, algumas memórias de sua adolescência:

Assim, aos 15 anos, resolvi dar outro sentido à minha existência. Rejeitei a antiga vida. Meu tio chegou a me convidar para trabalhar com ele, mas decidi estudar física. A essa altura já estava muito envolvida com a vida intelectual. Com a vida militante da Ação Católica. Era o caminho novo que se apresentava naturalmente em substituição àquele que eu estava deixando para trás. (MURARO, 1999, p.58)

Ainda que alguns episódios da obra apareçam entrelaçados e as lembranças de si estejam misturadas às lembranças de seu tempo, foi possível organizar, no trabalho da pesquisa, um conjunto de noventa e oito cenas importantes dentre os trinta e três capítulos que compõem a obra. Constatou-se que entre as cenas encontradas existem quarenta e nove que relatam fatos pessoais e quarenta e nove cenas com os subtítulos de fatos históricos, contando com as seis introduções aos anos 30, 40, 50, 60,70 e 80.

Surpreendentemente, há um equilíbrio entre o falar de si e o olhar posto sobre o exterior, apesar da autora reconhecer que a versão inicial da obra era isenta de subjetividade: “Eu só contara o que havia feito, e não o que havia vivido. Agira como um homem. Falar de mim me dava um medo horrível” (MURARO, 1999, p.32).

Ao final, após constatarmos a dimensão da presença histórica na obra de Muraro aceitamos que a autora apresenta tanto a si quanto a seu tempo, harmonizando e equilibrando, nessas memórias, informações sobre o século XX e sobre a descoberta de si mesma, formação e amadurecimento.

#### **4. Palavras finais**

E valeu a pena ter vivido só para ver esses contornos.  
E fico olhando, olhando e olhando, com meus olhos cansados e mesmo cegos. E só porque vi, ainda na areia ardente do deserto, me deito e choro.”  
(MURARO, 1999, p.373).

Como podemos perceber, a História assume um lugar importante nas construções destas memórias do século XX. A obra *Memórias de uma mulher impossível*, portanto, não se difere do gênero memórias, mesmo ampliando em suas rememorações o diálogo com a História: “O

gênero memórias pode ser reconhecido como uma narrativa escrita em primeira pessoa por um eu que retorna ao passado para compreender o presente, focalizando não só a si, mas o mundo a sua volta” (MACIEL, 2014).

O empoderamento na narrativa, no entanto, na medida em que possibilita a aquisição da emancipação individual e também da consciência coletiva necessária para a superação da dependência social e dominação política, está amplamente assegurado no falar de si e no vivido deste eu *impossível*. O empoderamento da narradora devolve poder, dignidade e cidadania à mulher quase cega de uma família que perdera tudo financeiramente. Quando fala de si, portanto, fala da liberdade de decidir e controlar seu próprio destino com responsabilidade e respeito ao outro.

Ainda que nascida da reflexão histórica e da sua necessária revisão, a libertação e empoderamento na narrativa parece ser fruto de sua subjetividade, ou seja, é no desafio à ordem da Igreja, é também no desafio às relações patriarcais, em relação ao poder dominante do homem e da manutenção dos seus privilégios de gênero, é no desafio ao *status quo* econômico, dentre outros, que fortalece-se a autonomia no que se refere ao controle do seu corpo, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir e da sua atuação junto ao coletivo.

Nascida da sua reflexão sobre a história, mas intimamente ligada à sua reflexão sobre si mesma, cresce, na longa narrativa das *Memórias de uma mulher impossível, a ideia de empoderamento, como um* processo de renúncia ao estado de tutela, de dependência, de impotência, na qual o eu que se narra vai se transformando em sujeito ativo, que luta para si, com e para os outros por mais autonomia e autodeterminação, tomando a direção da vida nas próprias mãos (cf KLEBA, 2009, p.735).



### Referências Bibliográficas

KLEBA, Maria Elisabeth. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde Soc.* São Paulo, v.18, n.4, p.733-743, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

MACIEL, Sheila Dias. Sobre a tradição da escrita de memórias no Brasil. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ Programa de Pós-Graduação em Letras, V48. N.04, 2013.

MURARO, Rose Marie. *Memórias de uma mulher impossível*. São Paulo: Record, 1999.

PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica**  
**UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016**  
**Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**